

L E T R A S



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL

Ano 1 nº 07 Brasília, 08 de outubro de 1999

Câmara
homenageia
Pompeu de Sousa

Em tempo de Primavera

Rioke lança **Cultura Capital**

Valéria Velasco

“O medo ameaça o DF”

Revisão constitucional

■ Jacinto Guerra

Tadeu Roriz-PP



O Distrito Federal cumpre um importante papel no desenvolvimento econômico e social do Planalto Central e de todo o Brasil, integrando e interligando os estados e, ao mesmo tempo, dando condições de sobrevivência a milhares de migrantes que chegam à cidade todos os anos.

Essa prerrogativa somente é possível devido à transferência de recursos repassados pela União a nossa cidade, que representa cerca de 50 por cento do nosso orçamento, para garantir a Educação, a Segurança e a Saúde no Distrito Federal.

Não se trata de um privilégio, como muitos defendem, mas uma condição mínima e necessária para que o DF, uma cidade sem indústrias, agricultura e receitas suficientes, possa abrigar a Capital da República e ainda servir como alavanca propulsora do desenvolvimento do Centro-Oeste.

A revisão constitucional poderá representar um perigo para o DF, caso os parlamentares federais aprovem o fim da transferência desses recursos da União. Será transformar o Distrito Federal num dos estados mais pobres do Brasil.

Por essa razão, acredito que a Comissão Especial, formada por deputados distritais, para defender os interesses do Distrito Federal e dos brasilienses na reforma da Constituição Federal, desempenhará papel fundamental na consolidação definitiva da nossa cidade.

Wasny de Roure-PT

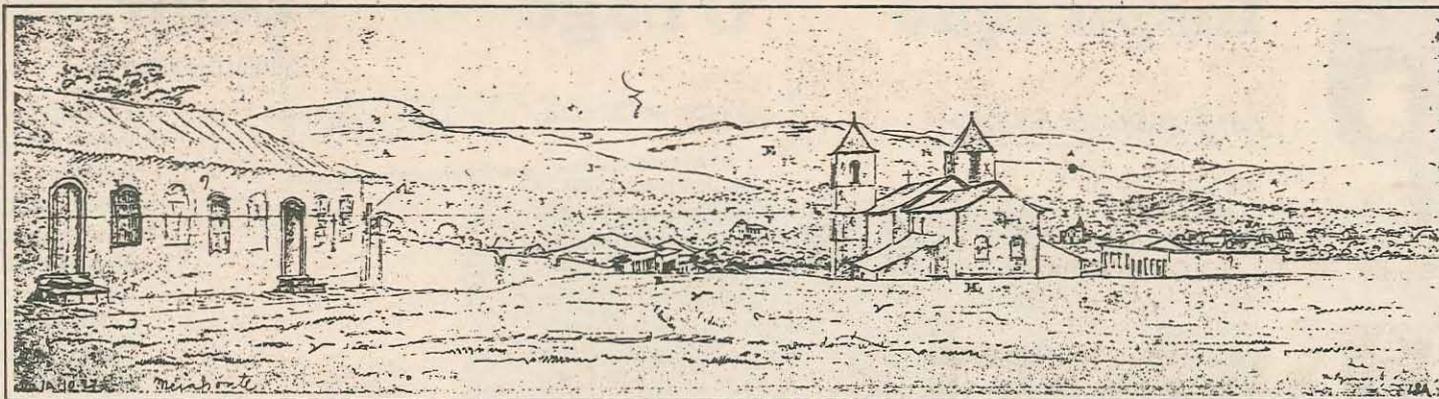


Como integrante do Partido dos Trabalhadores, nosso pensamento a respeito da revisão constitucional é a de que a mesma, se for feita ainda este ano, como querem as elites, não passa de monobras dos setores conservadores da sociedade para viabilizar as medidas que eles querem, caracterizando mais um golpe dado por um Congresso em final de mandato.

De pouco adiantará querer mudanças na Carta Magna feitas a toque de caixa, antes das eleições de 94 que deverão renovar o Congresso Nacional e eleger o novo Presidente da República. O Congresso que aí está não pode se outorgar o direito que não lhe foi dado de mudar a Constituição, pois mesmo que isto seja legal não é legítimo.

A garantia, portanto, da autonomia financeira do DF na revisão constitucional deverá passar, pela revisão do próprio quadro dos políticos que compõem o Congresso, através de eleições limpas que expressem a vontade popular.

De nada adiantará fazer mudanças na Carta Magna agora, pois é sabido que através da revisão-já alguns querem acelerar as privatizações, dar mais espaços para o capital estrangeiro, reduzir a carga tributária sobre o capital e até mesmo mudar as regras do jogo político, acabando com os dois turnos e permitindo a reeleição para os executivos.



Uma surpresa em Goiás

De repente, na estrada de Pirenópolis, aparece uma enorme queda d'água, um vale, cachoeiras, pedras, buritis e restos de floresta. Barulho de águas caindo no penhasco. É o Rio Corumbá, de águas límpidas, que vem do altiplano e despenca pirambeira abaixo.

Logo à frente, surge no horizonte uma cidadezinha antiga, de cartão postal: Corumbá de Goiás — território de bandeirantes, ouro e aventuras. Hoje, uma velha igreja de feição portuguesa domina o casário bordado na encosta do monte. É um lugar cheio de histórias, folclore, tradições. Fiquei sabendo que as Cavalhadas de Corumbá movimentam a cidade durante uma semana de festas, com o povo do lugar e muita gente de fora.

Na língua dos primitivos habitantes da região, os índios goianos, Corumbá significa "a minha morada, o meu lar, a minha terra". Como se sabe, o Brasil tem outra Corumbá, muito maior, porta de entrada no Pantanal, Mato Grosso do Sul.

Entre fascínios diversos, Corumbá de Goiás destaca-se na literatura como pouquíssimas cidades. É terra de gente famosa: Bernardo Elis, contista, romancista, membro da Academia Brasileira de Letras, um dos grandes escritores do nosso país — e José Jacinto Veiga, mais conhecido como J.J. Veiga, mestre do fantástico na literatura brasileira, com "Os Cavalinhos do Platiplanto", "A Sombra dos Reis Barbados" e outros livros de sucesso em diversos países.

Depois de morar muito tempo em Londres, Veiga fixou-se no Rio de Janeiro, mas sempre volta às origens, nas margens do Corumbá. Bernardo Elis, um

provinciano convicto, mora em Goiânia. E raramente sai de lá. É gente da terra.

De origem humilde, um menino de Corumbá de Goiás foi parar em Bom Despacho, Minas Gerais, em busca de aventuras e de vitórias. Começa logo na política, depois de trabalhar num colégio. Conquista uma cadeira na Câmara Municipal — vereador mais votado — e governa a cidade pela segunda vez, na esteira da consagração popular. Seu nome: Célio Luquine, de remotas origens na Itália. É uma espécie de Maquiavel e de Íris Rezende. Florença e Goiás nos domínios de Bom Despacho, outro chão do Brasil.

A nossa Corumbá de Goiás é um lugar de casarões e moradas antigas, ruas estreitas, muita paz, um cine-teatro e uma Banda de Música com mais de cem anos de existência!

Chegando à cidade, fomos rezar na Igreja de Nossa Senhora da Penha, padroeira do lugar. Depois, com os encantos da terra, o jeito é ficar no Recanto Goiano — Pousada e Restaurante, uma casa alegre, arejada, no largo principal, perto da igreja. Parece uma sede de fazenda antiga. No quintal, pés de chuchu, mangueiras, galinhas, barulho de araras, papagaios e periquitos conversando.

Livres da televisão, fomos jantar uma comida caseira, gostosa. E conversar fiado. Depois, o espetáculo do luar e das estrelas. Vozes distantes de uma serenata. O silêncio da noite.

Acordamos com os primeiros clarões do dia. Os galos cantando. Badaladas do sino da igreja. Café da manhã com frutas, leite, biscoitos, dos melhores, queijo e bolo de fubá.

Com o sol já alto, fomos para as cachoeiras do Rio

Corumbá poucos quilômetros adiante. Andei lendo — e vendo — que por mais de duzentos anos esta região dos Pirineus atraiu bandeirantes e pioneiros à busca de ouro e diamantes.

Hoje ergue-se nesta paragem um complexo de lazer e turismo — parque ecológico, com hotel, cabanas, chalés, no meio de praias de areias brancas, cachoeiras, grutas e pequenos lagos de águas tranquilas. Na beira do rio, muita areia com brilhos e vidrilhos, água limpa, gente nadando e brincando. Muito sol e vento, encomendados para as férias deste verão.

Caminhar é preciso. Nas pedras e nas águas, vamos andando rumo à cachoeira maior. Subimos a encosta por uma trilha íngreme — coberta de vegetação e de pedras — até chegar às vizinhanças da grande queda d'água.

É preciso andar com muito cuidado nas proximidades de tanta pedra e tanta água. Áreas de segurança estão delimitadas com avisos bem visíveis. É só ficar de olhos bem abertos.

O horizonte se fecha. Estamos frente a uma grande muralha de pedras enormes, de formatos diversos, que lembram animais pré-históricos e outras coisas estranhas. Parece que existem grutas, cavernas e galerias escondidas no paredão.

Cai uma garoa fina, chuvinha gostosa e fria, amenizando o calor do sol. São as águas da cachoeira. Troncos de árvores apodrecem nas águas. De um lado e do outro restos da floresta.

Em cima, uma larga faixa de céu azul. No centro, espalhando-se para os lados — e ocupando os espaços da nossa visão — as grandes cortinas de águas

espumantes, rendadas, barulhentas. Bendito barulho de águas revoltas que descem penhasco abaixo, cobrindo a muralha de pedras milenares. Esse barulho faz muito bem à gente. Sufoca as mágoas e tristezas. É como nas águas do mar batendo forte na praia e nos rochedos.

O céu, as pedras enormes, as árvores e as águas ocupam todo o nosso horizonte. É uma festa da natureza, para os olhos e a alma. Confesso que tenho vontade de chorar diante de tanta beleza. E choro, como em outros lugares que me trazem emoção. E agradeço a Deus pela vida e pela existência de paraquenses como esta, certamente das mais belas do mundo!

Mais tarde, outros passeios: Cachoeira do Ouro, Poço Rico, Garganta do Ouro, todos lembrando uma época de aventuras, de riquezas e misérias do Brasil antigo.

Faço descoberta singular: uma cascata escondida, quase virgem. Banheirinho gostoso, na sombra verde do mato. Arranjei um nome para o lugar: Cascata do Anhanguera. Com certeza, o bandeirante foi lá beber água e descansar. Afinal, ninguém é de ferro.

Como o feriado foi pequeno para tanta água e tanta paz, voltamos para casa com muita saudade de Corumbá. Um dia, outros dias, lá estaremos de novo.

Em verdade vos digo que uma coisa boa é sonhar. Hoje, o meu sonho de verão, a minha vontade mesmo, é ficar para sempre com minha família naquela casinha antiga, de janelas azuis, em Corumbá de Goiás, bem perto de Deus. Debaixo deste céu tão bonito, no Planalto Central do meu país.